Fernanda Teixeira

Fortalecer a gestão do conhecimento em preparação para desastres e redução de risco nas regiões do Sudeste de África e Sudoeste do Oceano Índico

Relatório da avaliação final

Setembro de 2010

**Tabela de conteúdos**

|  |  |
| --- | --- |
| **Acrónimos e abreviações** | **2** |
| **Definições** | **3-6** |
| **Sumário Executivo** | **7-10** |
| **1.Introdução:**  **1.1. Background**  **1.2. Propósito da avaliação e seus objectivos**  **1.3.Metodologia da avaliação** | **11-12**  **12-13**  **13-14** |
| **2.Constatações,lições aprendidas e recomendações**  **2.1. Necessidade do projecto, seu desenho e preparação**  **2.2. Relevância e alcance do projecto**  **2.3. Eficiência e efectividade do projecto**  **2.4. Impacto**  **2.5. Sustentabilidade** | **14-15**  **15**  **15-17**  **17**  **18** |
| **3. Recomendações e Conclusão** | **18-19** |

**LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIAÇÕES**

|  |  |
| --- | --- |
| **DRR** | Disaster Risk Reduction (Redução do Risco em Desastres) |
| **EWS** | Early Warning System (Sistema de Aviso Prévio) |
| **EU** | European Union (União Europeia) |
| **DIPECHO** | Disaster Preparedness Programme of European Commission’s Directorate General for Humanitarian Aid ( Programa de Preparação para Desastres da Direcção Geral de Ajuda Humanitária da Comissão Europeia |
| **SADC** | Southern African Development Community (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) |
| **AU** | African Union (União Africana) |
| **NEPAD** | New Partnership for Africa’s Development (Novas Parcerias para o Desenvolvimento de África) |
| **INGC** | Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (Institute for National Disaster Managment of Mozambique) |
| **COSEP** | Centre des Opérations d’Urgence et de Protection Civile (Centre of Emergency Operations and Civil Protection of the Comores) |
| **BNGRC** | Madagascar National Disaster and Risk Management (Plataforma Nacional de Gestão de Desastres e Gestão de Riscos de Madagáscar) |
| **DPODMA** | Department for Poverty and Disaster Managment of Malawi (Departamento para combate à Pobreza e Gestão de Desastres do Malawi) |
| **IDNDR** | International Decade for Natural Disaster Reduction (Década internacional para a redução do risco de desastres naturais) |
| **WCDR** | World Conference on Disaster Risk Reduction (Conferência Mundial sobre Redução do Risco de Desastres) |
| **UNFCCC** | United Nations Framework Convention on Climate Change (Quadro da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas) |
|  |  |

**DEFINIÇÕES**

Os seguintes termos são usados no documento e definidos de acordo com a Terminologia do UNISDR sobre redução de risco em desastres de 2009, bem como as já adoptadas pela Documentação do Projecto, conforme se segue:

**Mudanças Climáticas (Climate Change) (CC)**

O painel intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) define mudança climática como: “uma mudança no estado do clima que pode ser identificada (por exemplo, usando testes estatísticos) por mudanças na forma e/ou variações das suas propriedades, e que persiste por um período largo, de uma década ou mais.

As mudanças climáticas podem ser devido a processos naturais internos ou forçados externamente, ou mudanças persistentes antros génicas na composição da atmosfera ou no uso da terra.

A UNFCC define mudanças climáticas como: “uma mudança do clima que pode ser atribuída directa ou indirectamente à actividade humana e que altera a composição da atmosfera global e que é a par com a variação do clima natural, observada por longos períodos comparáveis de tempo.

(The inter-governmental Panel on Climate Change (IPCC) defines climate change as: “a change in the state of the climate that can be identified (e.g., by using statistical tests) b changes in the mean and/or the variability of its properties and that persists for an extended period, typically decades or longer.

“Climate change may be due to natural internal processes or external forcing or to persistent anthropogenic changes in the composition of the atmosphere or in land use”.

UNFCC defines climate change as: “a change of climate which is attributed directly or indirectly to human activity that alters the composition of the global atmosphere and which is in addition to natural climate variability observed over comparable time periods.”)

**Adaptação às Mudanças Climáticas (Climate Change Adaptation) (CCA)**

O ajustamento nos sistemas naturais ou humanos na resposta aos estímulos das esperadas mudanças climáticas ou seus efeitos, de forma a moderar os danos ou explorar oportunidades benéficas. (Definição da UNFCC)

(The adjustment in natural or human systems in response to actual expected climatic stimuli or their effects, which moderates harm or exploits beneficial opportunities.) (Definition of UNFCC)

**Redução do Risco de Desastres (Disaster Risk Reduction) (DRR)**

O conceito e prática da redução de riscos em desastres através de um esforço sistemático de analisar e gerir os factores casuais dos desastres, incluindo a exposição reduzida aos perigos, a redução da vulnerabilidade de pessoas e propriedades, da correcta gestão da terra e do ambiente e da melhoria da preparação para eventos adversos.

(The concept and practice of reducing disaster risks through systematic efforts to analyse and manage the casual factors of disasters, including through reduced exposure to hazards, lessened vulnerability of people and property, wise management of land and the environment, and improved preparedness for adverse events.

**Gestão de Risco de Desastres (Disaster Risk Management) (DRM)**

O processo sistémico de usar directivas administrativas, organizações, e habilidades e capacidades operacionais para implementar estratégias, políticas e capacidades melhoradas, de forma a reduzir os impactos adversos dos perigos e a possibilidades de ocorrência de desastres. A gestão do risco de desastres tem como objectivo evitar, reduzir ou transferir os efeitos adversos ou os perigos através de actividades e medidas de prevenção, mitigação e preparação.

(The systemic process of using administrative directives, organizations, and operational skills and capacities to implement strategies, policies and improved coping capacities, in order to lessen the adverse impacts of hazards and the possibility of disaster. Disaster risk management aims to avoid, lessen or transfer the adverse effects or hazards trough activities and measures for prevention, mitigation and preparedness.)

**Perigo (Hazard)**

Um fenómeno perigoso, substância, actividade humana ou condição que pode causar perda de vidas, ferimentos ou outro impacto na saúde, danificar propriedades, perda de rendimentos e serviços, danos sociais ou económicos, ou danos no meio ambiente. Os perigos concernentes a redução de risco de desastres, de acordo com o Quadro para Acção de Hyogo são: “…perigos de origem natural e relacionados com o meio ambiente e os perigos e riscos tecnológicos.”

(A dangerous phenomenon, substance, human activity or condition that may cause loss of life, injury or other health impacts, property damage, loss of livelihoods and services, social and economic disruption, or environmental damage. The hazards of concern to disaster risk reduction as stated by Hyogo Framework are “…hazards of natural origin and related environment and technological hazards and risks.”)

**Preparação (Preparedness)**

O conhecimento e capacidades desenvolvido quer pelos governos, como pelas organizações de profissionais em resposta e reconstrução, comunidades e indivíduos, para que atempadamente e de forma efectiva, estejam preparados e prontos para acções de resposta e reconstrução/reabilitação, perante a ameaça do impacto negativo de eventos ou de condições eminentes, propícias a desastres.

“The knowledge and capacities developed by governments, professional response and recovery organizations, communities and individuals to effective anticipate, respond to, and recover from, the impacts of likely, imminent or current hazard events or conditions.

**Feira de conhecimento (Knowledge Fair)**

Feira do conhecimento é uma celebração, um evento no qual experiências bem-sucedidas são celebradas e mostradas. Isto inclui actividades que permitem uma interacção directa entre aqueles que providenciam conhecimento e aqueles que o procuram (oferta e procura), e providencia uma oportunidade para discussão e transferência de conhecimento entre parceiros. O formato pode variar, mas geralmente inclui: exposição, sessões temáticas, mesas redondas e discussão em grupos, bem como celebração cultural.

“Knowledge Fair is a celebration, an event at which successful experiences are celebrated and displayed. It includes activities which allow for direct interaction between those who provide and those who seek knowledge (supply and demand), and provides an opportunity for discussions of knowledge transfer between partners. The format can vary but normally includes: exhibition, thematic sessions or roundtables and group discussions, and cultural celebration.”

**Resposta (Response)**

O fornecimento de serviços de emergência e assistência pública durante ou imediatamente após um desastre, em ordem a salvar vidas, reduzir o seu impacto na saúde, assegurar segurança pública e as necessidades básicas de subsistência das pessoas afectadas.

“The provision of emergency services and public assistance during or immediately after a disaster in order to save lives, reduce health impacts, ensure public safety ad meet the basic subsistence needs of the affected people.”

**Vulnerabilidade (Vulnerability)**

As características e circunstâncias da comunidade, sistema ou propriedade que fazem com que estas sejam susceptíveis a danos originados pelos efeitos de desastres.

“The characteristics and circumstances of a community, system or asset that make it susceptible to the damaging effects of a hazard.”

**SUMÁRIO EXECUTIVO**

A região do Sudeste Africano e do Sudoeste do Oceano Índico tem sido muito susceptível a desastres naturais (em particular cheias, ciclones, seca e tempestades tropicais), verificando-se nos últimos anos um aumento quer na frequência com que ocorrem, como na complexidade e magnitude dos mesmos.

Os Governos dos países da região, bem como as organizações nacionais e internacionais vocacionadas para a preparação e resposta a desastres e redução de risco, têm levado a cabo projectos e iniciativas de mérito assinalável.

Contudo, era e é ainda notória a necessidade de uma melhor partilha, não só de informação sobre as várias iniciativas que estão a ser levadas a cabo, como das boas práticas, do conhecimento sobre redução de risco acumulado na região e em outras partes do globo. Torna-se ainda fundamental, um maior conhecimento mútuo entre os diferentes intervenientes nesta área, como base essencial de partida para uma acção mais concertada e coordenada.

Neste sentido, o projecto coordenado e implementado pelo escritório do PNUD em Moçambique, com financiamento do primeiro plano de acção DIPECHO – ECHO, e intitulado “Fortalecer a gestão do conhecimento em preparação para desastres e redução de risco na Região do Sudeste Africano e Sudoeste do Oceano Índico”, foi considerado por aqueles que, de forma directa ou indirecta, nele participaram ou dele beneficiaram, como muito relevante e apropriado.

A metodologia foi adequada e produziu resultados importantes. Apesar do projecto ser relativamente ambicioso, tendo em consideração o tempo para a sua implementação (apenas 15 meses, que acabou sendo estendido para 17 meses), e apesar do atraso verificado no início da sua implementação, os principais objectivos do mesmo foram alcançados.

(Em anexo poderá ser encontrado um quadro resumo das actividades e resultados levadas a cabo pelo projecto). **ANEXO 1**

Foram encontradas evidências dos seguintes efeitos positivos do projecto:

1. O projecto foi capaz de aproveitar devidamente e evidenciar o conhecimento e experiências existentes na região sobre preparação para desastres e redução de risco, e, de forma efectiva melhorou a partilha de informação, de conhecimento, e fortaleceu a rede de organizações e instituições trabalhando nesta área em cada um dos países da região.
2. A exposição directa de vários dos parceiros do projecto às diferentes experiências práticas de implementação de acções de preparação para desastres e de redução de risco, foi muito valiosa para uma melhor compreensão de como desenvolver e melhorar as intervenções futuras, bem como proporcionou reflexões sobre como proceder à sua integração em actividades de desenvolvimento de longo prazo.
3. Apesar de terem sido mencionadas algumas dificuldades de coordenação no início da implementação do projecto, um dos maiores sucessos que se pode atribuir ao mesmo, foi a melhoria na compreensão mútua e coordenação entre as plataformas governamentais de gestão de desastres e as ONGs trabalhando nesta área. Pode considerar-se que foram criadas as bases necessárias para uma melhor coordenação entre governos e organizações não-governamentais, resultado este que pode e deve ser consolidado. Tal se deveu, particularmente, à habilidade do PNUD em criar uma ponte entre os Governos e ONGs.
4. Os seminários, feira do conhecimento, e outros contactos, promoveram uma maior divulgação daquilo que é a acção dos parceiros DIPECHO no terreno, bem como as áreas de especialidade de cada uma das organizações. Em resultado disto, teve início uma frutuosa colaboração entre algumas destas organizações. A título de exemplo pode mencionar-se a cooperação entre a UN-Habitat e a CARE em promover construções mais seguras para resistirem a cheias e ciclones, e a Acção Agrária Alemã que decidiu usar a experiência do parceiro moçambicano da OIKOS (LUARTE) no trabalho de mobilização das comunidades.
5. Um último efeito positivo que é importante mencionar, é a sensibilidade que este projecto criou, entre os diferentes parceiros DIPECHO, para a necessidade de mais legislação doméstica relativa a gestão de desastres e de redução de riscos em especial. Um exemplo a mencionar é a necessidade de um “Código para construções seguras”.

Alguns aspectos críticos na implementação do projecto que merecem atenção:

1. Dado o atraso significativo no início do projecto, algum do material que foi produzido pelo mesmo, foi apenas distribuído durante a feira do conhecimento e a sua divulgação é ainda muita fraca. Os referidos materiais não foram ainda traduzidos para as três línguas conforme o previsto, o que poderá dificultar a sua utilização. Por tal razão, não foi possível observar a utilidade e adequação destes materiais (nomeadamente os guiões para os standards de utilização das comunicações via rádio durante emergências e para um levantamento bem sucedido após emergências). Pela importância que têm, sugere-se que estes materiais possam ser traduzidos, mais amplamente divulgados e sejam objecto de acções de formação no futuro.
2. A qualidade da fase inicial de implementação do projecto foi afectada pelo recrutamento tardio de pessoal qualificado para a sua implementação. É, no entanto, de reconhecer o enorme esforço que foi depois realizado para que os objectivos do projecto fossem alcançados.
3. Algumas das actividades necessitariam de tratamento mais adequado, nomeadamente: o processo de selecção das melhores práticas que viriam a ser incluídas na brochura intitulada “Waters, winds and fires” e a organização da feira do conhecimento.
4. Em relação à recolha das melhores práticas, os formulários usados na sua recolha em cada um dos países, poderiam ter sido simplificados e os critérios de validação discutidos e acordados previamente e de forma mais abrangente.
5. A feira do conhecimento poderia ter tido melhores resultados, se tivesse sido melhor preparada de forma a ser mais participativa e interactiva. Foi opinião bastante geral que o formato foi mais de seminário do que de feira do conhecimento. A presença de cientistas deveria ter sido melhor explorada na disseminação de conhecimentos científicos relevantes, por exemplo na área de como melhor desenvolver e utilizar os sistemas de uso prévio.
6. Não existe qualquer evidência de que a coordenação do projecto tenha sido afectada pelo facto do projecto estar baseado nos escritórios do PNUD em Moçambique, e a coordenação deste projecto foi considerada em geral, pelos entrevistados, como tendo sido boa. Consideraram ainda o PNUD como a organização, de momento, mais adequada para gerir um projecto desta natureza. No entanto, uma melhor definição dos termos de referência dos pontos focais do PNUD nos restantes países e uma monitoria mais próxima teria sido desejável.
7. Foi ainda evidente que um projecto desta natureza precisaria de continuidade.

**Assim recomenda-se:**

* Que se garanta, através da integração das actividades mais relevantes em programas em curso, que haja uma continuidade e consolidação das mesmas;
* Que se continuem a consolidar os mecanismos de coordenação e partilha, com o reforço dos mecanismos de gestão de risco da SADC e com a capacitação institucional das plataformas nacionais;
* Que em futuros projectos desta natureza e tendo em conta a sustentabilidade dos mesmos, se abranja um maior número possível de organizações nacionais e locais;
* Que haja um esforço no sentido de se divulgarem mais os instrumentos criados pelo projecto, bem como se estudem possibilidades de formação dos trabalhadores das diferentes organizações e instituições envolvidos a nível local na sua utilização (exemplo: no uso dos guiões de comunicação via rádio em emergências e de levantamentos rápidos).
* Que se mantenha e melhore a livraria virtual no sentido desta ser um veículo mais interactivo de partilha de conhecimento, informações e boas práticas na área de gestão de risco.

**1.INTRODUÇÃO**

**1.1. Background:**

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), através do seu escritório em Maputo, recebeu um financiamento da Comissão Europeia para os Assuntos Humanitários (ECHO), dentro daquilo que foi o primeiro plano de acção DIPECHO para a região da África Austral, para implementar uma iniciativa intitulada: “Enhancing knowledge managent in disaster prepardness and risk reduction within Southeast Africa and Southwest Indian Ocean”.

O projecto foi implementado de 1 de Novembro de 2008 a 31 de Março de 2010, em quatro países (Comores, Madagáscar, Malawi e Moçambique), e tinha como principais objectivos:

1. Compilação e sistematização de instrumentos, metodologia e melhores práticas sobre preparação para desastres e redução de risco, bem como a sua divulgação entre os parceiros e “stakeholders” dos projectos de DIPECHO a nível nacional e regional em quatro países (Comores, Malawi, Madagáscar e Moçambique).
2. Reforço da coordenação e partilha de informação entre parceiros de DIPECHO e os “stakeholders” locais e internacionais.
3. Melhoria da integração regional e fortalecimento do envolvimento da SADC em actividades de redução de risco.

Com este projecto pretendia-se colmatar uma necessidade identificada durante os encontros de consulta em preparação do plano DIPECHO, que reconheceram como fraqueza a quase inexistente partilha de conhecimentos e experiências na área de preparação para desastres e redução de riscos, bem como a fraca coordenação entre parceiros e “stakeholders” trabalhando nesta área, tanto a nível nacional como regional.

Em resposta ao contínuo aumento de ameaças de desastres naturais na região, em particular de cheias, secas e ciclones, os Governos e organizações regionais tais como a União Africana e SADCC, têm reconhecido a necessidade de expandir o leque de actividades nas áreas de gestão de risco incluindo preparação para desastres. Nesta necessidade, tem ainda sido tomada em conta a relação entre redução de riscos e adaptação às mudanças climáticas.

Alguns Governos e parceiros de implementação de actividades na área de gestão de risco e gestão de desastres, têm melhorado substancialmente as suas intervenções nos últimos anos. Contudo, para que haja uma resposta mais adequada, torna-se necessário o desenvolvimento de esforços coordenados, e uma maior partilha de conhecimentos e boas práticas, o que implica responsabilidades elevadas, tanto em fazedores de políticas, como nos implementadores de actividades.

As experiências têm demonstrado claramente que a exposição directa dos diferentes actores a iniciativas e fóruns relacionados com gestão de desastres em geral e redução de risco em particular, se tem revelado fundamental para a melhoria da qualidade das intervenções e para o reforço da capacidade institucional, bem como para a optimizar da utilização dos recursos existentes.

O PNUD beneficia da experiência já obtida em outras regiões, nomeadamente nas Caraíbas e América Latina, onde foi demonstrada a relevância de transferência de conhecimentos e partilha de informação entre os diferentes actores envolvidos em intervenções de redução de risco. Por tal razão, e também pela sua inserção na região e relação privilegiada com os diferentes actores, em particular com as agências governamentais de gestão de desastres, o PNUD revelou-se uma instituição chave para a implementação de um projecto desta natureza.

**1.2. Propósito da avaliação e seus objectivos**

O presente relatório é o resultado da avaliação final do projecto que decorreu nos meses de Agosto e Setembro de 2010. A avaliação que, de acordo com os Termos de Referencia, tinha sido inicialmente prevista para quinze dias, acabou sendo realizada em mais tempo, devido às dificuldades em estabelecer o calendário das entrevistas originadas por ausências e conflitos de agenda daqueles que deviam ser entrevistados. De referir ainda, dificuldades de comunicação com os restantes países da região, já que as entrevistas deveriam ser realizadas telefonicamente a partir de Maputo.

Se bem que, ainda que com alguns atrasos, se tenha conseguido cumprir o calendário de entrevistas em Moçambique, já o mesmo foi mais difícil em relação aos restantes países da região, o que de certa forma afectou a qualidade da avaliação. Assim, o presente relatório é o resultado da revisão de documentos e das entrevistas efectuadas.

De acordo com os Termos de Referência, o objectivo principal da avaliação era verificar em que medida a qualidade dos resultados respondia aos objectivos desenhados no projecto e concluir com recomendações e lições aprendidas para futuras melhorias de projectos desta natureza.

O propósito primário da avaliação era verificar a eficiência, efectividade, relevância e se o projecto era apropriado, bem como o impacto e sustentabilidade do mesmo.

A avaliação deveria ainda incluir constatações, lições aprendidas e recomendações nas seguintes áreas:

* Em que medida a planificação do projecto e sua implementação foi eficiente, verificando se a estrutura organizacional, apoio da gestão e mecanismos de coordenação usados pelo PNUD foram os adequados no apoio à implementação do projecto.
* Em que medida os resultados esperados foram alcançados, ou se houve algum progresso para o seu alcance.
* Em que medida o projecto contribuiu para uma área prioritária ou vantagem comparativa para o PNUD.

“Inter alia” a avaliação deveria ainda responder às seguintes questões:

* Se os resultados foram alcançados;
* Se o projecto criou algum impacto;
* Qual a relevância e alcance dos objectivos;
* Qual foi a utilidade dos resultados;
* Qual é a sustentabilidade dos resultados e benefícios;
* Quais foram os problemas e constrangimentos encarados durante a implementação;
* Qual o papel que o escritório do PNUD no País (Moçambique) jogou no desenvolvimento e implementação do projecto.

**1.3. Metodologia da avaliação:**

Tendo em conta as limitações de tempo e de recursos, a avaliação usou a seguinte metodologia:

* Revisão de documentos: documentos do Projecto, incluindo relatórios e notas de encontros, material produzido e outros documentos relevantes. Documentação produzida na região ou noutras regiões sobre Gestão de Risco. Informação contida no “WEB site” do PNUD (Livraria virtual) e outros.
* Entrevistas semiabertas com informantes chave e actores relevantes, usando os guiões em anexo **(anexos 2 e 3)**. A lista de informantes está no **anexo 5**. Como já foi mencionado, a maioria das entrevistas foram feitas em Moçambique. A marcação de entrevistas com outros informantes dos restantes três países (Comores, Madagáscar e Malawi), foi extremamente difícil, o que afecta a qualidade de julgamento dos resultados do projecto nesses países.
* Um questionário para um “survey” foi enviado **(anexo 4)** aos pontos focais do PNUD para que o partilhassem com parceiros do projecto, mas nenhum “feedback” foi recebido.
* Um encontro de um grupo focal deveria ter acontecido em Maputo, com participantes de Moçambique, mas devido às agendas em conflito dos participantes, acabou não acontecendo. Em anexo o guião que tinha sido preparado para o grupo focal **(Anexo 6)**.

Como resultado, a avaliação teve que basear-se nas entrevistas conseguidas e na revisão de documentos.

**2. CONSTATAÇÕES, LIÇÕES APRENDIDAS E RECOMENDAÇÕES**

**2.1. Necessidade do projecto, seu desenho e preparação:**

A proposta do projecto foi desenhada depois de Fevereiro 2008, após contactos com os escritórios regionais da ECHO. Seminários e discussões tiveram lugar sobre os parceiros potenciais da DIPECHO, áreas geográficas de intervenção e possibilidades para a criação de um Plano Regional DIPECHO.

Durante os encontros de consulta, os potenciais parceiros DIPECHO expressaram a sua necessidade de melhorar a partilha de informação e conhecimento, bem como melhorar a coordenação ao nível regional.

A proposta foi desenhada baseando-se em experiências prévias do PNUD nas Caraíbas e América Latina, bem como numa série de encontros, comunicações telefónicas e conferências de vídeo entre o escritório do PNUD em Moçambique e os restantes escritórios (Comores, Madagáscar e Malawi). Foi ainda fruto de debates com o escritório regional (BCPR) (UNDP /Bureau for Crisis Prevention and Recovery) e as instituições Governamentais de Gestão de Desastres (COSEP- Comores, BNGRC-Madagáscar, DOPDMA-Malawi e INGC- Moçambique) de cada um dos respectivos Países.

Em Junho de 2008 tiveram lugar discussões acerca da liderança da implementação do projecto. O escritório do PNUD em Moçambique, foi considerado o líder mais adequado pela experiência e capacidade em trabalho na área de gestão de riscos, e o seu bom relacionamento com o INGC. Por outro lado, nesta altura, a capacidade do escritório regional do PNUD na área de redução de risco era limitada. Esta liderança foi acordada com os escritórios do PNUD dos restantes países, com o escritório regional e com o escritório de Bruxelas.

O INGC em Moçambique deu também o seu aval através de uma carta endossando a proposta.

No que diz respeito ao processo de planificação e desenho do projecto, o envolvimento dos diferentes actores envolvidos em actividades de gestão de risco, foi praticamente inexistente. Poderia ter sido vantajoso para o projecto, na fase inicial de planificação e desenho das actividades, um maior envolvimento dos parceiros, já que isso permitiria não só uma melhor adequação às necessidades, expectativas e realidade, mas também uma maior apropriação por todos do projecto.

Foi ainda expressa a necessidade de um maior envolvimento das agências Governamentais de Gestão de Desastres. Tal envolvimento poderia ter garantido, desde o início, uma melhor compreensão, articulação e coordenação, evitando-se assim algumas dificuldades sentidas no início da implementação do projecto.

Poderia ainda ter permitido uma maior adequação ao tempo de implementação e aos recursos necessários. Foi notório que o projecto foi de alguma forma ambicioso, tendo em conta o tempo de implementação, o que foi confirmado pela necessidade de extensão do tempo, tendo o projecto sido implementado em dezassete em vez dos quinze meses previstos. Foi ainda possível observar que foi necessário gastar-se mais do que inicialmente tinha sido orçamentado.

É necessário tomar em conta que, o Seminário de Preparação para a implementação, que teve lugar em Maputo, apenas ocorreu seis meses depois da data prevista para o início do projecto.

Apesar desta fraqueza na preparação, o projecto foi considerado relevante, necessário, respondendo adequadamente a preocupações sentidas por todos.

**2.2. Relevância e alcance do projecto:**

Conforme já referido, o projecto foi relevante, respondeu a uma necessidade concreta sentida por todos e foi adequado na sua metodologia. O projecto deixou ainda claro que existe um enorme potencial ao nível regional para a partilha de conhecimentos e experiências, que deve ser devidamente aproveitado.

Algumas sugestões recolhidas nas entrevistas, apontaram para uma necessidade de, em projectos futuros, se focalizar melhor o alvo do projecto: se a partilha na área de políticas e estratégias, ou uma partilha mais virada para a prática, tendo como principais recipientes os implementadores das actividades de gestão de risco ao nível local. Foi ainda sugerido que o projecto poderia ter sido mais específico acerca dos resultados esperados.

**2.3. Eficiência e efectividade do projecto:**

Aquilo que era esperado que o projecto produzisse, foi, no geral, realizado, apesar do início tardio do projecto. **(Verificar a tabela de implementação em anexo – Anexo 1)**

As causas para um atraso de quase quatro meses, foram: o recrutamento tardio do coordenador do projecto, alguma fraqueza na capacidade da pessoa recrutada o que originou uma mudança posterior de coordenador, e os procedimentos morosos do PNUD quer no que diz respeito ao recrutamento como nos procedimentos de “procurement” para o início das actividades.

Alguns aspectos que deverão merecer maior atenção em futuros projectos desta natureza:

* Melhoria nos mecanismos de coordenação que foi sentida, pelos restantes países, como sendo distante e pouco efectiva, particularmente no que diz respeito à monitoria.
* Maior clareza na definição dos Termos de Referência dos pontos focais do PNUD para o projecto.
* A produção e distribuição dos materiais foram feitas muito tardiamente (Exemplos: “Guião para um levantamento bem sucedido” e “Guião de standards em comunicação via rádio para resposta a emergências”), pelo que estes materiais não estão ainda suficientemente divulgados. Por outro lado, ainda não tinham sido traduzidos nas três línguas, o que pode dificultar a sua utilização. Sugere-se que seria útil que os materiais fossem acompanhados de alguma formação para a sua utilização.
* Sobre a recolha das melhores práticas, podem tirar-se as seguintes lições:
  + O formato usado foi sentido pelos parceiros como não sendo muito fácil de usar de forma a obter-se a informação mais relevante;
  + Os critérios de selecção e de validação do processo, não estiveram muito claros para muitos dos parceiros e actores envolvidos;
  + Foi sugerido que a validação deveria ser ao nível de cada País;
  + Contudo, a publicação e sua partilha foi considerada muito útil e relevante.
* No que diz respeito à feira do conhecimento, esta foi considerada por todos os parceiros e actores envolvidos, um dos eventos mais relevantes do projecto. Existem no entanto algumas lições a tirar, nomeadamente:
  + Deveria ter existido um período mais longo de preparação e com um maior envolvimento dos participantes.
  + Deveria ter sido mais interactiva e com mais momentos informais de partilha de informação e conhecimento.
  + Poder-se-ia ter maximizado mais a participação de cientistas, por exemplo, na área de sistema de aviso prévio.
* A visita de troca de experiências foi outro dos eventos muito valorizados pelos participantes envolvidos. A exposição directa às experiências tem sempre um maior impacto na melhoria das actividades. O cuidado principal neste tipo de eventos deve estar nos critérios mais rigorosos de selecção de participantes, para que sejam de facto as pessoas que depois podem transmitir o conhecimento adquirido.
* A livraria virtual, sendo também uma das conquistas importantes do projecto, deve ser mantida e melhorada. Maior interactividade entre praticantes dos diferentes projectos, deveria ser permitida.
* No que diz respeito ao custo / eficiência foi consenso que, usando-se outro tipo de facilidades para a realização dos eventos, mais se poderia ter alcançado com os mesmos recursos.

**2.4. Impacto**

Apesar de ser difícil num projecto desta natureza e implementado num tão curto espaço de tempo, avaliar o seu impacto, podem mencionar-se os seguintes efeitos positivos:

* O projecto foi capaz de reforçar o conhecimento, troca de experiências e do “saber fazer “ sobre redução de risco na região, e de forma efectiva melhorou a partilha de informação e o “networking” não só ao nível regional, mas também dentro de cada país. Para alguns dos parceiros DIPECHO, um dos principais resultados do projecto foi a criação de condições para uma melhor interacção entre os diferentes parceiros, mas também com outros actores envolvidos na gestão de risco. Isso permitiu a troca de experiências sobre as actividades em curso, mas também a criação de relações de partilha de habilidades e recursos. Por exemplo, o conhecimento e uso sobre manuais e outros materiais já existentes na região ou no País em vez de produção de novos, conforme se previa, e o apoio entre organizações com a partilha de habilidades e conhecimentos (UN-Habitat partilhando com outras organizações conhecimento sobre construções seguras, OIKOS através do seu parceiro local, partilhando a sua habilidade de realizar mobilização social, a título de exemplo).
* A exposição directa a diferentes experiências foi valiosa para uma maior compreensão sobre como melhorar intervenções de DRR e sobre como integrar DRR em projectos de desenvolvimento. As duas actividades mencionadas como mais tendo contribuído neste sentido foram a feira de conhecimento e a visita de troca de experiências.
* Apesar de alguma falta de coordenação no princípio da implementação do projecto, um resultado positivo foi a melhoria na compreensão do papel dos diferentes actores, em particular no que diz respeito à compreensão e respeito pelos papéis do Governo e das Organizações Não Governamentais operando em cada um dos países. A habilidade do PNUD em criar uma ponte entre ONGs e Governos, facilitou esta melhor compreensão do papel de cada um.
* O projecto revelou também a necessidade para mais legislação doméstica ou regulamentação na área de gestão de risco. A título de exemplo, a necessidade de um código para construções seguras.

**2.5. Sustentabilidade**

Um projecto desta natureza, tão relevante e importante para o alcance dos objectivos definidos no Plano de Acção definido em Hyogo, deveria ter continuidade e uma forte liderança. É um facto que muitas das actividades podem, de certa forma, ser integradas em projectos em curso a serem implementadas por diferentes organizações e instituições. No entanto, existem aspectos da coordenação e partilha que não acontecem se não existir alguma instituição que assuma o papel de liderar.

Dado que os mecanismos regionais para gestão de risco da SADCC ainda não estão suficientemente desenvolvidos e consolidados, o PNUD parece ser, na opinião de muitos dos entrevistados, a instituição com maior credibilidade e mais indicada para liderar um projecto desta natureza. Por um lado possui o conhecimento necessário, e tem a experiência já desenvolvida em outras regiões. Mas, por outro lado, tem ainda a vantagem de poder ter um relacionamento fácil com os Governos e com as ONGs, o que é fundamental num projecto desta natureza.

Assim sendo, a recomendação seria de que o PNUD pudesse de alguma forma, dar continuidade ao projecto, enquanto, em simultâneo, apoia a fortificação da estrutura necessária ao nível da SADCC.

**3. Recomendações e Conclusão**

Existe um vasto leque de possibilidades e oportunidades para a troca de experiências em Gestão de Risco na região. Contudo, para uma melhor partilha regional, esta deve ser apoiada por mecanismos fortes de coordenação a nível nacional. Isto deve implicar o estabelecimento de mecanismos fortes de coordenação, tanto nacionais como regionais. Um ambiente favorável à coordenação e partilha de conhecimentos, experiências e informações deve ser alimentado numa base permanente, e deve ter uma forte colaboração de todos os intervenientes.

Para se garantir a sustentabilidade de um tal processo, incluindo a melhoria permanente das relações entre Governos, agências humanitárias e ONGs, as actividades essenciais que tinham sido previstas no projecto, devem ser levadas a cabo numa base permanente, e devem contar com a participação de todos em todas as suas fases.

É ainda fundamental uma maior participação de actores locais. Para tal, o apoio à consolidação das instituições nacionais de gestão de desastres e aos mecanismos da SADCC é fundamental.

Assim recomenda-se:

* Que se garanta, através da integração das actividades mais relevantes em programas em curso, que haja uma continuidade das mesmas;
* Que se continuem a consolidar os mecanismos de coordenação e partilha, com o reforço dos mecanismos de gestão de risco da SADC e com a capacitação institucional das plataformas nacionais;
* Que em futuros projectos desta natureza e tendo em conta a sustentabilidade dos mesmos, se abranja um maior número possível de organizações nacionais e locais;
* Que haja um esforço no sentido de se divulgarem mais os instrumentos criados pelo projecto, bem como se estudem possibilidades de formação dos trabalhadores das diferentes organizações e instituições envolvidos a nível local na sua utilização (exemplo: uso dos guiões de comunicação via rádio em emergências e de levantamentos rápidos).
* Que se mantenha e melhore a livraria virtual no sentido desta ser um veículo mais interactivo de partilha de conhecimento, informações e boas práticas na área de gestão de risco.
* Poderão ainda, no futuro, considerar-se diferentes níveis de intervenção e partilha: um nível pode ser o de fazedores de políticas e definição de estratégias e outro nível, o dos implementadores de actividades no terreno.
* As questões relacionadas com a adaptação às mudanças climáticas deveriam também ser consideradas no contexto da partilha de experiências e conhecimento, das melhores práticas e desenvolvimento de instrumentos de trabalho.
* O mesmo se poderá dizer do desenvolvimento de legislação e de regulamentos para Gestão de Risco e Gestão de Desastres no geral.

Em conclusão, o projecto foi bem-sucedido, apesar dos grandes desafios de tempo na sua implementação.

Maputo, Setembro de 2010